

**PÁGINAS DA GUERRA NO TRÂNSITO DA VIDA: LEITURAS
DA GUERRA CIVIL MOCAMBICANA EM “VENTOS
DO APOCALIPSE”, DE PAULINA CHIZIANE**

Vaneza Silva Miranda (UEBA)

vanezamirandaceb@gmail.com

José Welton Ferreira dos Santos Júnior (UFBA)

jwferreira@uneb.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão sobre os aspectos da guerra civil em Moçambique, no período de Pós-independência. Nesse âmbito, a pesquisa será embasada, especificamente, a partir das descrições de elementos representacionais da guerra civil moçambicana, encontrados no romance “Ventos do Apocalipse”, da autora moçambicana Paulina Chiziane. Estabelecendo o diálogo com uma produção historiográfica, as considerações de Pereira (2012; 2017) e Souza (2019) contribuíram para compreender o fenômeno da guerra civil moçambicana (1976–1992) em um quadro complexo de disputas políticas e sociais. Com foco na interpretação e análise do texto literário, a pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa permitiu compreender as potencialidades da literatura para representar processos históricos por meio de uma instigante tensão entre realidade e ficção. A partir disso, foi possível notar que o processo de transformação pelo qual o país passou, provocou alterações na sua organização política e social. Através da ficção, observamos aspectos dessas mudanças nas personagens, que, em meio a perdas, sejam elas familiares, materiais ou simbólicas, tentam conciliar o passado com o presente, na tentativa de um futuro melhor.

Palavras-chave:

Guerra. Moçambique. Representações femininas.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo presentar una discusión sobre aspectos de la guerra civil en Mozambique, en el período posterior a la independencia. En este contexto, la investigación se basará, específicamente, en las descripciones de elementos representacionales de la guerra civil de Mozambique, que se encuentran en la novela “Ventos do Apocalipse”, de la autora mozambiqueña Paulina Chiziane. En diálogo con una producción historiográfica, las consideraciones de Pereira (2012; 2017) y Souza (2019) contribuyeron a comprender el fenómeno de la guerra civil mozambiqueña (1976–1992) en un complejo marco político y social. Centrándose en la interpretación y análisis del texto literario, la investigación bibliográfica y cualitativa permitió comprender el potencial de la literatura para representar procesos históricos a través de una tensión instigadora entre realidad y ficción. De esto se pudo advertir que el proceso de transformación que atravesó el país provocó cambios en su organización política y social. A través de la ficción, observamos aspectos de estos cambios en los personajes, quienes, en medio de pérdidas, ya sean familiares, materiales o simbólicas, intentan reconciliar el pasado con el presente, en un intento por un futuro mejor.

Palabras clave:

Guerra. Moçambique. Representaciones femeninas.

1. Introdução

Segundo Pesavento (2006, p. 7), “A literatura é, (...), uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam”. Assim, pode-se entender que a literatura é também um recurso para o conhecimento da história, uma vez que muitos escritores podem mobilizá-la como ferramenta para narrar acontecimentos marcantes da humanidade, explorando e reconfigurando as complexas relações entre o que se entende por realidade e por ficção.

Partindo dessa premissa, o romance “Ventos do Apocalipse” (2010) nos oferece uma percepção de como era e como ficou a sociedade moçambicana com as mudanças ocorridas, quando, depois do movimento de independência, a Frente de Libertação Moçambicana³⁹ (FRELIMO) assumiu a administração do país (1975), depois de uma longa luta armada contra as forças coloniais portuguesas que teve início em 1964.

Com a assinatura do Acordo de Lusakata⁴⁰, no dia 07 de setembro de 1974, foi determinado o cessar-fogo entre a FRELIMO e o governo de Portugal. A independência completa de Moçambique foi proclamada no dia 25 de junho de 1975, deixando um desafio para a reconstrução do território e da sociedade devastados pelos efeitos da guerra. A vitória da FRELIMO significava não apenas a autodeterminação política, mas também a formulação de um projeto político, social e econômico para a construção do país que superasse as desigualdades e mecanismos de exclusão do período colonial. Após os primeiros anos de transição política, durante seu terceiro Congresso em 1977, a FRELIMO se autoproclamou um partido marxista-leninista, definindo o futuro de Moçambique, sua aproximação

³⁹ Esta organização foi fundada em 1962 através da fusão de 3 movimentos constituídos no exílio, nomeadamente, a UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), MANU (Mozambique African National Union – União Nacional Africana de Moçambique) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente) (Informação extraída do Portal do Governo de Moçambique).

⁴⁰ “Lusaka” é um acordo com sabor à vitória que definiu a liberdade de um povo que lutou uma década pela sua independência total e completa. (Informação extraída do jornal O País).

da Ex-URSS e o roteiro que conduziria o país a uma constante instabilidade política.

Segundo Ubiratã Souza (2017, p. 6), a partir de 1976), uma nova organização paramilitar, intitulada Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), começou a propagar ataques armados nas regiões de Moçambique com uma prática de guerrilha de “terra arrasada”, uma onda de devastação com “grau de barbárie que tocava o horror”. Iniciava, assim, uma guerra no período pós-independência que, na década de 1980, quase levaria o país a um colapso.

Durante a guerra civil, Moçambique viveu um período de extrema violência, desordem social e humanitária. O país, recém independente, mal teve tempo de se reestruturar socialmente e economicamente, e logo estava imerso em novo um conflito armado, agora com a participação também dos cidadãos, em um ambiente polarizado marcado pela adesão ou questionamento das políticas instauradas pelo partido do governo.

De acordo com Geffray (1991), algumas das causas da adesão da sociedade no conflito, seria o descontentamento das pessoas para com os ideais implantados pelo governo vigente. Apesar do debate historiográfico ainda estar em curso, as narrativas sobre a guerra revelam que estaria em jogo a possibilidade de participação do poder político, insuflada por coordenadas externas e pela retomada de conflitos herdados ainda do período colonial. Para outra parcela da população, havia a busca efetiva por sua dignidade, levantando-se contra a política autoritária, por vezes, imposta pela FRELIMO e cristalizada pelo projeto ideológico de fundo bélico e normatizador do “Homem novo” moçambicano. Nesse complexo cenário de definição dos caminhos de uma sociedade em construção, a guerra produziu efeitos sobre a população que, no campo ou na cidade, viria a sofrer as consequências dos conflitos armados. De forma direta ou indireta, homens e mulheres, imbuídos da conquista de um projeto de vida longe do colonialismo, se tornariam reféns, eram explorados e até assassinados no campo de batalha produzido e alimentado pela disputa entre a RENAMO e a FRELIMO.

Ao longo do conflito, a população passou por inúmeros desafios, inclusive relacionados a moradia, pois muitos se locomoviam constantemente na tentativa de fugir da guerra; assim, o confronto também deixou uma grande quantidade de pessoas deslocadas compulsoriamente. Segundo Geffray (1991, p.148), “as deslocções massivas de populações estão provavelmente na origem da fome catastrófica (...). Desse modo, além

das problemáticas relacionadas à falta de segurança, o povo moçambicano também enfrentou obstáculos intrínsecos a guerra, o que intensificou a dificuldade de sobrevivência no país.

O conflito só terminou em 1992, com a assinatura do acordo de paz e com o compromisso de convocar eleições multipartidárias. Depois de diversas negociações entre os beligerantes, a resolução, segundo Souza (2017), “comprometia a RENAMO a abandonar as armas e se integrar às estruturas militares do Estado, e a FRELIMO a reconhecer os direitos políticos da RENAMO, e fazer cumprir a democracia multipartidária como forma de governo do país” (SOUZA, 2017, p. 7).

A ficção da escritora moçambicana Paulina Chiziane é um exemplo de como o uso da escrita e da oralidade pode assumir a condição de instrumento crítico para conhecimento de realidades sociais marcadas por acontecimentos traumáticos. Esse é o caso do seu romance “Ventos do Apocalipse”, que recupera a guerra civil moçambicana ocorrida entre 1976 e 1992, como tema e paisagem principal para as imbricações entre ficção e realidade ao representar os efeitos dos conflitos armados na vida de moçambicanos no período pós-independência pela lente de um narrador que acompanha personagens em deslocamento pela “terra arrasada”, microcosmo da nação em um contexto de busca por sua organização política e social.

Paulina Chiziane nasceu no ano de 1955, em Manjacaze, na província de Gaza e cresceu nos subúrbios de Maputo, anteriormente chamado de Lourenço Marques, em Moçambique. Dentre algumas das características presentes na sua escrita, cita-se aqui, a exemplo, o protagonismo da mulher negra e o realismo social. No romance “Ventos do Apocalipse”, (2010), alguns desses traços surgem na escrita intensa e materialmente ligada à vida dos moçambicanos realizada pela autora.

No prólogo da obra, são narradas três histórias: a primeira do “Marrido cruel”, a segunda “Mata, que amanhã faremos outro” e a terceira, “A ambição de Massupai”. Em sequência, o romance está dividido em 25 capítulos e organizado em duas partes: a primeira conta a história do ex-régulo Sianga, que tem, como é descrito no romance, seu trono arrastado pelos ventos da independência, e não conseguindo se adaptar à mudança, tenta voltar ao poder. Nessa parte, conhecemos a vida dessa personagem, sua família e a estrutura do modo de vida do povo de Mananga até o momento em que a aldeia sofre um ataque armado; na segunda parte do romance, podemos acompanhar os sobreviventes indo em direção à aldeia

do Monte, em busca de uma vida melhor. Durante o percurso, podemos conhecer as piores faces da guerra, até a chegada ao destino desejado. Nesse momento, também conhecemos novos personagens que definem a capacidade que a obra revela de formular representações sociais no tecido literário.

Desse modo, intercalando as relações entre passado e presente, nota-se que as três histórias se repetem em momentos diferentes e de maneiras variadas no decorrer do romance, evidenciando as formas de vida e as dificuldades conjunturais que se agudizam no cenário da guerra. Entre elas, emergem a seca e as chuvas em excesso, agenciadas pelas forças da natureza, alegorias do que poderíamos chamar de destino. Em paralelo, surge ainda a ação humana, inscrita na luta do pós-independência e no anseio pela reconstituição de um ambiente seguro que confira condições materiais para a manutenção da vida da comunidade. Dessa forma, são articuladas temporalidades e forças que tornam o romance uma teia de acontecimentos historicamente situados estrategicamente atravessados por eventos místicos assentados, sobretudo, na relação intertextual com o último e mais aterrorizante livro da Bíblia.

Nessa perspectiva, a leitura de “Ventos do Apocalipse” aqui proposta enfatiza as peripécias de personagens como Minosse, uma mulher submissa, que vivia em função do marido e da família, e Emelina, uma mulher que trai a família e o seu povo, por meio das quais buscar-se-á evidenciar como um ambiente caótico, mergulhado em um conflito civil, pode provocar modificações/mudanças tanto na formação pessoal do seu povo, quanto na estruturação política de um país recém-independente em meio a lutas que ocorrem no plano subjetivo e no plano objetivo que emaranham aquelas personagens.

2. Representações femininas

2.1. Minosse – Submissão e resiliência

As turbulências da guerra emprestaram-lhe novas formas de vida e nova visão de mundo. (CHIZANE, 2010, p. 129)

Após o conflito armado na aldeia, os moradores de Mananga partem para a aldeia do Monte na esperança de reconstruir a vida. A caminhada até o Monte é a marcha dos que sobreviveram aos bombardeios, à

fome e à seca. Nessa passagem do romance, torna-se possível observar as mudanças ocasionadas na nova estrutura familiar dos sobreviventes da guerra.

Uma personagem muito relevante nesse novo contexto, é Minosse, mulher de Sianga, ex-régulo e uma forma de poder que representa as antigas estruturas que, contraditoriamente, cooperaram para a ação colonialista, como asseguram estudos antropológicos mais recentes (FARRÉ, 2015). Na primeira parte do romance, é revelada, através dessa personagem, a condição de submissão da figura feminina em relação ao homem: “Esposa dos velhos tempos, ainda preserva as tradições e o respeito dos antigos. Aproxima-se do marido, faz uma vénia, ajoelha-se solenemente, de olhos fitos no chão” (CHIZIANE, 2010, p. 17).

Além da postura submissa, Minosse era constantemente humilhada pelo marido: “– Ah, maldita. Gastei as minhas vacas comprando-te, mulher preguiçosa e sem respeito (CHIZIANE, 2010, p. 17).

Durante sua vida na aldeia de Mananga, Minosse exercia o papel de esposa e mãe. Suas decisões e ações estavam vinculadas às condições da sua estrutura familiar, sejam elas relacionadas ao seu casamento com o regulo, e até mesmo antes de se casar, quando ainda era uma menina:

Durante toda a minha vida satisfiz os desejos dos homens. Primeiro do meu pai e depois do meu marido. Na adolescência o meu pai ensinou-me a guardar as cabras e a guardar-me para pertencer a um só homem em toda a minha vida, e cumpri. O Sianga comprou-me com lobolo, que é uma cerimónia solene, mas um negócio porque se faz com valores e dinheiro vivo. Entreguei o meu corpo aos prazeres do meu senhor porque na realidade nunca senti nenhum (CHIZIANE, p. 2010, p. 159)

Chiziane procura em sua escrita, expor a representação da mulher na sociedade. Dessa forma, no romance, a autora nos possibilita observar a atuação de algumas mulheres ao reconstruir um cenário ficcional aterrozante imerso no conflito armado. E assim como sintetiza Ianá Souza Pereira (2017), as mulheres apenas não sofreram com as consequências da guerra, mas de fato lutaram com suas famílias contra ela. Foram obrigadas a abandonar suas casas e aldeias, vivenciaram/presenciaram de perto a morte de filhos e maridos, foram presas, estupradas, morreram.

Minosse era obediente e passiva diante das imposições da sociedade. Na aldeia do Monte, ao tentar reconstruir a vida, depois de perder todo seu núcleo familiar, marido e filhos, durante o ataque em Mananga, Minosse se vê perdida, sem função na sociedade:

Os de Mananga navegam na nova vaga, mas Minosse permanece na margem da onda ninguém entende bem porquê. Vive solitária recolhida no seu mundo de guerra e paz. [...] Na luz do dia sente-se mais segura e mais leve, mas quando a noite cai a vida pesa-lhe como um caixão de chumbo. As turbulências da guerra emprestaram-lhe novas formas de vida e nova visão do mundo” (CHIZIANE, 2010, p. 129)

A personagem só se insere na vida social do Monte quando decide cuidar de algumas crianças órfãos que viviam na aldeia: Muzondi, Sara e seus irmãos, Mabebene e Joãozinho. O ato benevolente e afetivo é apresentado como uma possibilidade de cura e de reintegração ao tecido social pela agência da mulher que recusa a imposição violenta da desagregação criada pela guerra, conforme a narrativa informa: “Minosse não tem pesadelos, hoje. A tenda é mais confortável porque tem aconchego humano. As insónias já não a assustam.” (CHIZIANE, 2010, p. 138). Ainda de acordo com Pereira (2012):

Minosse renasce na narrativa ao ser resgatada da loucura momentânea a que foi acometida pela guerra, pois, ao tornar-se mãe-avó dessas crianças, ela recobra sua lucidez, tem sua existência renovada e revelada sua natureza materna à medida que sua esperança de vida é retomada no cuidado com a geração do futuro. Por conseguinte, também se ressaltam suas qualidades femininas como a solidariedade, o carinho e o cuidado com o sustento da família, representando o feminino como eixo de equilíbrio na sobrevivência e na continuidade humana. (PEREIRA, 2012, p. 100)

É perceptível que, antes de reencontrar um sentido para continuar vivendo, essa personagem oscila entre a realidade e a loucura, em decorrência dos efeitos da guerra civil que agiam de maneira particular sobre as mulheres moçambicanas, esteio da produção da vida material no campo e responsável pela reprodução social das comunidades. Torná-las alvo da ação belicosa significava tanto ceifar as condições materiais de sobrevivência quanto impedir a reprodução social de um grupo.

Cientes disso, como indicam os planos de gestão no início do governo da FRELIMO, os dirigentes do partido destacavam a importância da mulher no projeto da nação, o que veio a ser desmantelado pela tendência machista que preponderou na *práxis* do Estado nos anos seguintes à independência. Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique, defendeu publicamente a participação da mulher como agente do processo de construção do país, seguindo a tendência que reconhecia a relevância política de Josina Muthemba Machel, sua esposa e guerrilheira na luta de independência do país.

O romance parece enfatizar os dramas protagonizados por mulheres, recusando a uniformização das experiências e apostando na pluralidade de caminhos pelos quais elas teriam sido levadas em um contexto de clara ameaça à dignidade e à vida. Como demonstra a trajetória da personagem, à histórica opressão proveniente de uma sociedade predominantemente patriarcal junta-se o contexto brutal promovido pelos conflitos armados, gerando traumas difíceis de serem esquecidos ou superados. Ao ampliar a lente sobre os conflitos vividos por Minosse, a narrativa indica estratégias encontradas pela personagem diante de uma conjuntura histórica em que a guerra protagonizada por homens enxerga nas mulheres – e também nas crianças – um alvo privilegiado.

Seligmann-Silva (2008), ao examinar o contexto dos traumas gerados pelo holocausto, explica:

Na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente [...]. Mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal. [...]. Este teor de irrealidade é sabidamente característico quando se trata da percepção da memória do trauma. Mas, para o sobrevivente, esta “irrealidade” da cena encriptada desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo (SILVA, 2008, p. 69)

Ou seja, o trauma ocasiona a constante permanência da sensação perturbadora dos fatos vivenciados. E ainda de acordo com Seligmann-Silva, sobreviventes de eventos traumáticos carregam o sentimento contraditório da culpa da sobrevivência. No romance de Chiziane, poucos dias após a chegada na aldeia do Monte, os refugiados ainda não conseguiam assimilar tudo que viveram:

Os recém-chegados ainda se sentem mortos, não têm a consciência da própria presença. Mas há uma dor insuportável que lhes sai do coração, da alma, dos ossos, e do sangue. Sentem um esgotamento profundo, que testemunha a sua presença no reino dos vivos. Afinal de contas a morte é uma coisa boa, eles reconhecem. A vida que tanto defendem é algo que amargura, que oprime. A morte verdadeira é mais saudável porque acaba com todos os tormentos. (CHIZIANE, 2010, p.121)

2.2. *Emelina – Subversão e ambição*

“O amor é uma fantasia inventada pelos homens [...]” (CHIZIANE, 2010, p. 43)

Na segunda parte do romance, também é destacada outra figura feminina marcante imersa no ambiente ficcional caótico da guerra. Emelina,

movida pela paixão e pela ambição, surge, enigmática, em meio ao cenário insalubre do Monte. Diferente de Minosse. que oscila entre a tristeza e a fuga da realidade, Emelina, além da tristeza e loucura, nutre um imenso rancor, que posteriormente provocará o infortúnio de todos os habitantes do Monte, pois, tomada pelo sentimento de vingança, entrega a localização do lugar.

A sua personalidade também é totalmente diferente da de Minosse. Ela é gananciosa e, ao se apaixonar por um estrangeiro casado, mata os próprios filhos para poder fugir com ele, porém o homem percebe que a mulher o induz a cometer crimes e a abandona. Por causa de suas atitudes, ela é desprezada pelo povo e, por isso, nutre um sentimento de ódio, por não ter a compreensão das pessoas.

Quando conta sua vida para a enfermeira Danila, Emelina esperava um gesto de acolhimento:

Danila está atordoada pela narração fantástica, macabra. Envolve-se no mundo da história e a história no mundo dela num envolvimento de comunhão, recíproco. Como o abraço e o beijo. Os seus cinco sentidos agitam-se como num pesadelo. Inadmissível, incrível, Emelina é mesmo louca, o povo tem razão de a desprezar. Já se sente protagonista da mesma história e pergunta ao coração como iria reagir perante um caso semelhante. Olha para a narradora com um mito de ódio e piedade. Os olhos de Emelina procuram o auxílio de qualquer Deus porque compreende que quem a escuta não partilha do seu universo de loucura. O seu semblante demonstra sofrimento. (CHIZIANE, 2010, p. 156)

Semelhante a Minosse, Emelina também é uma vítima da guerra: “O ponteiro da cabeça deve ter virado para o lado esquerdo perdendo o balanço com o detonar das bombas. A guerra deve tê-la traumatizado a fundo” (CHIZIANE, 2010, p. 151). Contudo, suas ações as diferenciam: a primeira tem a postura submissa, mas a sua infelicidade desperta compaixão nas pessoas que, vendo o seu distanciamento físico e mental, desejam se aproximar e inseri-la novamente no convívio social; a segunda age de forma autônoma, movida pela ambição em função das circunstâncias brutais da guerra, mas seu comportamento às vezes provoca piedade, outras vezes causa repulsa, e o povo opta por excluí-la.

Esses olhares de julgamento destinados às mulheres estão, de certo modo, relacionados à qualificação que a sociedade lhes atribui. Segundo Maria Nazareth Soares Fonseca (2004), as mulheres já ultrapassaram alguns empecilhos que as aprisionavam às funções domésticas, no entanto, a mulher:

[...] continua à margem, em diferença, definida por muitos dos padrões que a sociedade legítima. Os detalhes de um lugar mais íntimo, mais velado, submisso por vezes, deliberado em outras, persistem como emblemas de vidas mais reclusas, mesmo quando as atividades do dia a dia impõem uma participação intensa daquela a quem, conforme tradições ainda vivas em África e em tantos outros lugares do planeta, cabe a tarefa de gerar os filhos, criá-los, educá-los e prepará-los para a vida. (FONSECA, 2004, p. 283)

Tal como é pontuado pela autora, as mulheres em África, bem como em outros lugares, ainda são subjugadas, enquadradas em crenças e tradições, moldadas aos padrões de uma sociedade majoritariamente machista.

O tribunal estreou-se com o julgamento das mulheres. Quer as velhas quer as jovens sofreram um julgamento dramático. Havia argumentos de sobre: a mulher é a causa de todos os males do mundo; é do seu ventre que nascem os feiticeiros, as prostitutas. É por elas que os homens perdem a razão. (CHIZIANE, 2010, p. 56)

As vivências das personagens Minosse e Emelina, mesmo apresentando atitudes/personalidades divergentes, são de certo modo frutos da guerra, pois a situação à qual estavam expostas exigiu que elas encontrassem meios para continuar sobrevivendo em uma sociedade patriarcal, que desfavorece a condição da mulher.

Assim, o romance *Ventos do Apocalipse* (2010), evidencia a história dessas mulheres, que surgem em um enredo emblemático, mergulhadas nas dores de uma guerra, nas dores de uma vida marcada por restrições e imposições, mas que, no romance, ganham espaço e visibilidade.

3. *Considerações finais*

Ao realizarmos investigações que buscavam analisar a representação da figura feminina em meio ao contexto da guerra civil em Moçambique, tornou-se viável observar o papel da mulher em uma sociedade majoritariamente patriarcal e mergulhada em um conflito armado. Através de personagens como Minosse, uma mulher submissa e resiliente, e Emelina, subversiva e ambiciosa, foi possível acompanhar as formas de vida e as visões de mundo que as intempéries da guerra impuseram a essas mulheres. Imersas nesse cenário ficcional caótico do conflito armado, as personagens tentavam reestruturar sua vida social, diante da desarticulação promovida pelo contexto beligerante.

O romance de Paulina Chiziane se revela uma janela possível para observar tais dilemas recriados a partir da complexa atuação das mulheres

no contexto da guerra civil moçambicana. Ao recusar um papel passivo para suas personagens, a autora explora as contradições inerentes à condição humana e as articula à condição de gênero, enquanto estratégia representacional que investe nas relações de aproximação e de distanciamento entre literatura e história.

Desse modo, “Ventos do Apocalipse”, metonimizado nos percursos e percalços de Mínosse e de Emelina, de forma criativa e sensível, nos apresenta uma narrativa fundada na história recente de Moçambique, elaborando estratégias discursivas que materializam a experiência da guerra e de seus efeitos sobre o povo. Explorando, pois, elementos que configuram uma representação da guerra por meio da ótica feminina, a exímia contadora de histórias transpõe o real, desvela os impactos da guerra sobre as mulheres e faz da literatura um poderoso instrumento de crítica social a partir de uma consistente e dialética revisão da história moçambicana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIZIANE, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. 3. ed. Moçambique: Ndjira, 2010.

FARRÉ, A. Assimilados, régulos, Homens Novos, moçambicanos genuínos: a persistência da exclusão em Moçambique. *Anuário Antropológico* 40 (2):199-229, 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. *Scripta*, v. 8, n. 15, p. 283-96, Belo Horizonte, 2004.

GEFFRAY, Christian. *A causa das armas: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*. Porto: Afrontamento, 1991.

NGUNGA, A. S. A. Os desafios da investigação linguística em África: o caso de Moçambique. *Revista África*, n. 42, p. 86-108, [s.l.], 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/193963>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PEREIRA, I. S. *Vozes femininas de Moçambique*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. 117f.

_____. Sair do anonimato: a identidade social de mulheres no romance de Paulina Chiziane. *REVISTA CRIOULA (USP)*, p. 170-85, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, C.B.B. da; MACHADO, M.C.T. *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicol. clin. [online]*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SOUZA, U. Introdução: Quais relações para literatura e história em Moçambique? In: *Entre palavras e armas: literatura e guerra civil em Moçambique [on-line]*. São Bernardo do Campo-SP: UFABC, pp. 1-16, 2017.

Outras fontes:

Paulina Chiziane (1955). Biografias de mulheres africanas. Disponível em: Paulina Chiziane (1955) – Biografias de Mulheres Africanas (ufrgs.br). Acesso em: 10 abril 2023.

Paulina Chiziane vence prémio Camões 2021. Euronews, 2021. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/10/21/paulina-chiziane-vence-premio-camoes-2021> Acesso em 16, abril 2023.

Paulina Chiziane vence Prémio Camões. Instituto Camões, 2021. Disponível em: Paulina Chiziane vence Prémio Camões – Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (instituto-camoes.pt). Acesso em: 16 abril 2023.